

## 2 Compostos Nominais – visão geral

Os compostos nominais são estruturas extremamente produtivas na língua inglesa. Sendo assim, despertam o interesse de estudiosos de diversas vertentes da linguística — a linguística teórica, a linguística computacional e a psicolinguística — bem como de estudiosos de outras áreas, como a filosofia e a inteligência artificial.

O enfoque deste trabalho é analisar a semântica dos compostos nominais do tipo N + N e com múltiplos modificadores nominais. Os estudos semânticos sobre os compostos nominais tentam dar conta da complexidade e produtividade desse tipo de estrutura. Para tanto, várias análises, provenientes de diferentes linhas de investigação, vêm tentando categorizar os compostos quanto à relação semântica subjacente.

Neste capítulo, será apresentada uma caracterização geral dos compostos nominais, considerando-se suas propriedades sintáticas e semânticas. Na primeira seção, define-se o conceito de composto a partir de uma explicitação de sua estrutura sintática em língua inglesa e da discussão de critérios para a distinção entre compostos nominais e sintagmas nominais. Em seguida, busca-se diferenciar compostos endocêntricos e exocêntricos. Na última seção, considera-se a questão da recursividade e da produtividade dos compostos nominais.

### 2.1 Compostos nominais — conceito e principais características

#### 2.1.1 Estrutura sintática

Os compostos nominais são sequências de dois ou mais nomes, que se apresentam como uma unidade do ponto de vista sintático e semântico. O composto nominal do tipo N + N é formado por um núcleo e um modificador. Em geral, em todas as línguas germânicas, o núcleo é o elemento mais à direita. Os modificadores, portanto, ocupariam a posição à esquerda do núcleo, sendo denominados pré-modificadores (Ex.: *sales department* ‘departamento de vendas’, onde *department* é o núcleo e *sales* é o modificador nominal). Todavia, Warren

(1978) aponta algumas poucas exceções à regra de ordenação dos constituintes dos compostos. Em estruturas com nomes próprios, por exemplo, por influência de um idioma estrangeiro, segundo a autora, o núcleo precede o modificador (Ex.: *Lake Tahoe* ‘Lago Tahoe’; *Mount Everest* ‘Monte Everest’). Se levarmos em consideração a opinião de autores como Levi (1978), que descartam as estruturas com nomes próprios como compostos nominais, esses exemplos não seriam exceções, mas sim construções de outra natureza. Segundo Quirk *et alii* (1985:1316), essas construções são formadas por um nome próprio precedido de um descritor com função apositiva, sendo, portanto, apostos de nomes geográficos e não compostos nominais.

A tradução dos compostos nominais do inglês para o português pode corresponder a diferentes tipos de estruturas – desde o que a gramática tradicional denomina de substantivos simples, como ‘cacto’ para *cactus plant*, passando pelos substantivos compostos, como ‘papel-moeda’ (*paper money* em inglês), até estruturas formadas por um núcleo e um modificador expresso por um sintagma adjetivo (‘voo noturno’ para *night flight*), por um sintagma preposicionado (‘bebês de proveta’ *test-tube babies*) ou por expressões *drug death* (morte em decorrência do uso de drogas).

Nas línguas românicas, a ordem dos termos das estruturas geralmente é inversa à do inglês. Na maioria dos casos em língua portuguesa, o núcleo é o elemento da esquerda e os modificadores aparecem à direita dele, como em ‘departamento de vendas’ e ‘papel-moeda’, por exemplo, onde “departamento” e “papel” são os núcleos, “de vendas” e “moeda” são os modificadores, respectivamente um sintagma preposicionado e um substantivo.

É importante mencionar também a estrutura dos compostos com múltiplos modificadores. Esse tipo de estrutura é ainda mais ambíguo que os compostos binários, pois, em uma combinação de três constituintes, o primeiro modificador pode ser combinado com o segundo ( $N_1 + N_2$ ) e o composto resultante ( $N_1N_2$ ) pode formar um composto com o núcleo ( $N_3$ )  $\rightarrow (N_1N_2)(N_3)$ , ou ainda, o segundo elemento pode combinar-se com o núcleo ( $N_2 + N_3$ ), formando um composto ( $N_2 + N_3$ ) a ser modificado pelo primeiro elemento ( $N_1$ )  $\rightarrow (N_1)(N_2N_3)$ . Vejamos exemplos com os dois casos, analisando a relação do composto *silver knife handle*. Esse composto pode ter duas leituras, dependendo da combinação de seus constituintes. Se a combinação for  $(N_1N_2)(N_3)$ , a interpretação será *the handle of a*

*silver knife* ‘o cabo de uma faca de prata’; já se houver a combinação (N<sub>1</sub>)(N<sub>2</sub>N<sub>3</sub>), a interpretação será *knife handle made of silver* ‘cabo de prata da faca’.

Há também compostos coordenados, em que modificadores diferentes modificam separadamente o mesmo núcleo. Para evitar a repetição do núcleo, ele aparece apenas uma vez. No composto *spring and summer evenings* ‘noites de primavera e verão’, por exemplo, *spring* e *summer* modificam o mesmo núcleo (*spring evenings* + *summer evenings*). Como o referente é o mesmo, há a elipse do núcleo, e ambas as expressões são coordenadas pela conjunção aditiva.

### 2.1.2 Compostos nominais e sintagmas nominais

Os compostos nominais muitas vezes são confundidos com os sintagmas nominais; todavia, há algumas diferenças apontadas pelos autores que auxiliam a diferenciação entre uma estrutura e outra.

Segundo Levi (1978), muitos autores recorreram a três critérios para diferenciar o que se chama de compostos nominais de outros sintagmas nominais. Tais critérios são a acentuação (ênfase no modificador), o aspecto permanente e a especialização semântica.

O primeiro critério, apesar de ser o mais apontado pelos linguistas, carece de provas consistentes, uma vez que há compostos que obedecem a esse critério e há outros que não. Por exemplo, *apple cake* ‘bolo de maçã’, *moth hole* ‘furo provocado pela traça’ e *polar bear* ‘urso polar’ são considerados compostos, e o acento recai no modificador; já *apple pie* ‘torta de maçã’ e *electric shock* ‘choque elétrico’ também são construções consideradas compostos nominais, mas recebem acento no núcleo. Assim como os compostos que recebem a acentuação no núcleo, o sintagma nominal *student power* ‘poder dos alunos’ também recebe, porém não é considerado composto. Diante desse quadro, não se sabe se a ênfase no modificador é um caráter puramente arbitrário ou o resultado de fatores ainda não conhecidos.

Quirk *et alii* revelam que os pré-modificadores têm uma relação tão próxima com o núcleo que a associação entre os dois é considerada um composto. Sendo assim, o acento pode recair também nos pré-modificadores, como mostrado nos exemplos acima. Os autores afirmam que “[t]he conditions under which the different stress patterns are adopted are by no means wholly clear, but are

connected with the degree to which a sequence is ‘institutionalized’ as a lexical item, *ie* a compound” (1985:1330)<sup>3</sup>.

O segundo critério aponta que os compostos teriam um aspecto mais permanente do que os não compostos, ou seja, a associação entre o modificador e o núcleo dos compostos seria mais permanente ou habitual. Por exemplo, *water bug* ‘percevejo-d’água’ descreveria apenas os insetos que têm uma relação permanente com a água (que moram nela ou que ficam ao redor dela), ao invés de uma relação temporária, como “insetos que caíram na água”. No entanto, este critério é falho, assim como os outros. Há muitos compostos cujas relações entre os termos não é permanente ou habitual e há não compostos que apresentam um caráter permanente.

Há ainda a especialização semântica. Alguns teóricos acreditam que todos os verdadeiros compostos se tornaram, pelo menos em parte, lexicalizados. Dessa forma, seu significado semântico seria determinado num todo e não através da recuperação de estruturas suprimidas ou nominalizadas. Como muitos compostos são recursivos, e há ainda um grande número que ocorre com frequência na língua, muitos acreditam que eles sejam lexicalizados e que por isso não haja uma relação sintática entre os elementos, mas sim apenas uma interpretação semântica comum a todos os falantes.

Um outro critério semântico que parece corroborar o conceito de que o composto é uma unidade lexical indissolúvel é o de que ele remete a apenas um referente, ou seja, duas ou mais palavras formam uma unidade referencial. Um composto como *bread knife* ‘faca para cortar pão’ se refere a apenas um objeto — uma faca. O modificador é uma especificidade do objeto, isto é, revela o propósito da faca, que é o de cortar pão<sup>4</sup>.

Do ponto de vista sintático, os compostos nominais se comportam como simples núcleos nominais e não como sintagmas nominais. Esta observação já havia sido feita por Levi (1978); segundo a autora, a grande preocupação com a estrutura interna dos compostos nominais fez com que muitos linguistas deixassem de lado as relações externas dos mesmos, ou seja, a relação deles com

<sup>3</sup> “as condições sob as quais os diferentes padrões de acentuação são adotados não são de forma alguma claras, mas estão relacionadas ao grau em que uma sequência é ‘institucionalizada’ como um item lexical, ou seja, um composto”.

<sup>4</sup> De acordo com Teixeira (2009:20), este critério é “basicamente semântico e também o mais utilizado” dentro da linguística computacional.

outros elementos da sentença. Apesar de a maioria [incluindo Lees (1966); Chomsky e Hale (1968); Jackendoff (1975); Roeper e Siegel (1978); Leiber (1983)] assumir que compostos nominais devam ser analisados sintaticamente como substantivos (essa é também a defesa de Levi), poucas provas de ordem sintática foram mostradas. De acordo com a autora, a afixação, a relação de ordenação com determinantes e adjetivos dentro de um mesmo SN e as ilhas anafóricas de Postal são argumentos que comprovam o comportamento semelhante entre os nomes e os compostos nominais.

Em relação à afixação, os substantivos e os compostos nominais poderiam ter afixos atrelados a eles, mas os SNs não. Por exemplo, é possível dizer *anti-[war] demonstration* ‘manifestação contra guerras’; *anti-[gun control] demonstration* ‘manifestação contra o controle de armas’, mas não é possível dizer *\*anti-[the government’s intervention] demonstration* ‘manifestação contra a intervenção do governo’<sup>5</sup>.

Um outro fator é a distribuição de adjetivos e determinantes em diferentes tipos de SNs. Os adjetivos predicativos nunca interrompem um composto; eles são sempre colocados antes do composto nominal (Ex.: *urgent papal appeal* ‘apelo urgente do papa’ x *\*papal urgent appeal*). Esse argumento descarta o genitivo como sendo um composto nominal, segundo a autora, uma vez que estruturas com genitivo permitem a interposição de um adjetivo entre o modificador e o núcleo (Ex.: *government’s recent initiatives* ‘iniciativas recentes do governo’). A distribuição dos determinantes nos SNs também contribui para a defesa do tratamento dos compostos nominais como substantivos. Assim como os substantivos, os compostos nominais não figuram como sujeitos sozinhos e nem como SNs. É necessário que eles sejam acompanhados de um determinante, ou seja, que façam parte da estrutura DP (Determiner Phrase)<sup>6</sup>. Ainda em relação aos determinantes, estes modificam apenas o núcleo ou o composto inteiro, mas nunca apenas o modificador.

<sup>5</sup> Exemplos retirados de Levi (1978:68).

<sup>6</sup> Termo introduzido na literatura linguística por Abney (1987) para fazer referência a estruturas que teriam um determinante como núcleo e um SN como complemento. Nesta dissertação, optou-se por utilizar o termo SN (NP), por ser a análise mais comumente utilizada na literatura consultada.

Segundo Levi (1978:74), as ilhas anafóricas de Postal (1969)<sup>7</sup> também ratificariam o tratamento dos CNs como substantivos. Nenhum constituinte do composto pode atuar como um antecedente para uma anáfora em qualquer posição na sentença, nem o composto pode conter um recurso anafórico, ou seja, uma anáfora “interna” (*inbound*). Por exemplo, a sentença *Lawyers dealing in divorce often experience it themselves* ‘Advogados que lidam com o divórcio geralmente passam por essa experiência’ contém uma anáfora bem-formada, cujo antecedente é um SN contendo um único substantivo (*divorce*); no entanto, quando esse substantivo passa a fazer parte de um composto nominal, a sentença deixa de ser gramatical (*\*Divorce lawyers often experience it themselves*).

Em relação à formação dos tipos mais simples de compostos (N + N), Levi propõe que o elemento que emerge na superfície como o pré-modificador seja um N único, não passível de modificação, o que explicaria a agramaticalidade de formas como *\*any-birds-at-all sanctuary*. Acrescenta-se, contudo, que uma vez que o composto tenha sido formado pela aplicação dessa regra, ele próprio pode ser o *input* para uma nova aplicação do processo de formação de compostos, isto é, a estrutura inicial pode atuar como pré-modificadora de um outro composto. Assim, no processo recursivo de formação de um composto nominal *como [bird sanctuary proposal cover] designer*, em um primeiro momento, *bird* seria o pré-modificador de *sanctuary*, formando o composto *[bird] sanctuary* ‘reserva ornitológica’; depois *bird sanctuary* seria o modificador de *proposal*, formando *[bird sanctuary] proposal* ‘proposta de reserva ornitológica’; o composto *bird sanctuary proposal* serviria como modificador de *cover*, formando *[bird sanctuary proposal] cover* ‘capa da proposta de reserva ornitológica’; *bird sanctuary proposal cover* seria o modificador de *designer*, formando *[bird sanctuary proposal cover] designer* ‘criador da capa da proposta de reserva ornitológica’, e assim sucessivamente.

Segundo a pesquisa de Warren (1978), alguns linguistas, como Marchand (1969), observaram uma diferença no comportamento sintático entre os

<sup>7</sup> De acordo com Fávero (2003:20), “Postal criou o conceito de ‘ilha anafórica’ (anaphoric island), segundo o qual uma pró-forma pronominal só pode substituir anaforicamente um nome, se esse nome estiver na estrutura superficial; um elemento da estrutura profunda não é antecedente suficiente, quer dizer, as pró-formas pronominais sempre se referem a elementos da estrutura superficial e nunca a entidades não recobráveis nessa estrutura. Assim, seria possível: (16) Os pais de Pedro morreram. Ele os amava muito, mas não (17) Pedro é órfão. Ele os amava muito, embora órfão = que perdeu os pais”.

compostos e sintagmas nominais em relação à modificação das estruturas. Um adjetivo que precede o composto pode modificar tanto o núcleo quanto todo o composto, mas nunca apenas o primeiro elemento. No exemplo *sharp bread knife* ‘faca de pão afiada’, *sharp* estaria modificando ou apenas *knife* ou todo o composto *bread knife*. Já no sintagma nominal, seria possível modificar apenas o primeiro elemento, como em *a new friend’s car* ‘carro do novo amigo’.

Apesar de este mecanismo ter sido utilizado como teste para diferenciar uma estrutura da outra, a autora afirma que ele realmente exclui todos os não compostos, mas também alguns compostos, como *[old [school tie]]* ‘gravata antiga da escola’. Já na estrutura *[[[old] [school]] tie]* ‘gravata da antiga escola’, o adjetivo modifica apenas a palavra *school*. Ainda de acordo com a autora, um adjetivo que precede um sintagma nominal só modifica o primeiro constituinte, como em *[[[old] [school]] tie]* ‘gravata da antiga escola’; no entanto, não é correto afirmar, também segundo a autora, que um adjetivo que precede um composto modifique apenas o segundo constituinte (no caso, o núcleo do composto), como em *[old [school tie]]* ‘gravata antiga da escola’, o que faz com que este critério não seja tão válido assim.

Isto posto, percebe-se que os critérios de conceituação dos compostos e a diferenciação entre eles e os sintagmas nominais são complexos, variados e bastante “escorregadios”, pois esbarram em inúmeras exceções, que fogem a explicações convincentes.

Sendo assim, neste trabalho, o composto nominal será considerado como uma unidade semântica e sintática que remete a uma unidade referencial, e cujos elementos não podem ser separados pela inserção de um afixo (como no caso do genitivo) ou outra palavra entre eles.

Ademais, como os termos técnicos variam entre a transparência semântica — em que o significado da expressão é a soma do significado das palavras que a compõem, como em *computer screen* ‘tela do computador’ — e a opacidade — em que o significado da expressão não é a soma das partes dos constituintes da mesma, como em *bus bar* ‘barramento’ —, manter-se-á a designação de composto para as expressões multivocabulares estudadas neste trabalho. Conforme mencionado no parágrafo acima, as estruturas estudadas aqui remetem a um referente específico. A inserção de um elemento entre os constituintes *\*computer old screen* ou a troca de um dos elementos acarreta agramaticalidade e mudança

de sentido e/ou de referente (*computer software* ‘software para computadores’/*TV screen* “tela da televisão”).

A questão da transparência ou opacidade dos compostos compilados no *corpus* será abordada no capítulo 8, referente à análise dos dados.

## 2.2 Classificação dos compostos nominais: compostos endocêntricos e exocêntricos

Conforme já mencionado, o composto nominal é formado por um ou mais modificadores e um núcleo. Segundo Teixeira (2009:24), “[q]uando o composto é considerado hipônimo de seu núcleo, tem-se um endocêntrico”. A distribuição dos compostos endocêntricos é idêntica à de um ou mais de seus constituintes; a estrutura modificador + núcleo apresentaria a mesma função sintática do núcleo sozinho, como em *flounder fish* ‘linguado’. Em *mp3 player*, por exemplo, verifica-se uma relação hipônima, uma vez que o *mp3* é um subtipo de *player* (tocador). Há o *mp4 player*, *ipod player*, *walkman player* etc.

Segundo Pustejovsky *et alii* (1995) *apud* Teixeira (2009), os compostos endocêntricos são mais frequentes em textos especializados, de áreas específicas do conhecimento.

Quando o composto não apresenta uma relação hipônima, tem-se um composto exocêntrico. De acordo com Gregorim (1982:25), Lyons (1968) “afirma que a construção *in Vancouver* ‘em Vancouver’ é exocêntrica porque sua distribuição é diferente tanto da preposição como do substantivo.” Os compostos exocêntricos não obedecem a uma relação de tipo e subtipo.

Dentre o grupo de compostos exocêntricos, Levi (1978:6) levanta três grupos: os que apresentam um significado metafórico, como *silverfish* ‘traça’ e *foxglove* ‘dedaleira’ (um tipo de planta cuja flor lembra uma luva); os que apresentam uma relação de sinédoque tanto para descrever pessoas como animais (*peg leg* ‘perna de pau’ e *hammerhead* ‘tubarão-martelo’) e os chamados *dvandva compounds*<sup>8</sup> (*speaker-listener* ‘falante-ouvinte’, *playwright-director* ‘diretor-dramaturgo’).

<sup>8</sup> Classificação presente em Warren (1978:107). Na verdade, o termo *dvandva* vem do sânscrito e significa “copulativo”. *Dvandva compounds* são, portanto, compostos copulativos.



Esse tipo de composto é diferente dos outros porque o primeiro substantivo da estrutura não modifica nem caracteriza o segundo. As funções de falante e ouvinte, neste exemplo, se expressam em equivalência, não havendo preponderância de uma sobre a outra. A motivação para unir *speaker* e *listener*, por exemplo, é diferente da motivação para se unir *store* e *clothes*. No primeiro caso, não há a preocupação em definir e caracterizar o ouvinte (*listener*); o que se almeja é relatar que o falante é também ouvinte ou vice-versa; logo, percebe-se a expansão do escopo de referência, uma vez que *speaker-listener* significa mais do que simplesmente *listener*. Já no segundo exemplo, o objetivo é especificar o núcleo, ou seja, *store clothes* não se refere apenas a roupas, mas sim a roupas obtidas em lojas. Sendo assim, percebe-se aqui a restrição do escopo.

### 2.3 Propriedades dos compostos nominais — produtividade e recursividade

Os compostos nominais são estruturas extremamente produtivas. A capacidade que esse tipo de estrutura tem de concentrar uma quantidade razoável de informação em poucas palavras (muitas vezes, apenas duas) faz que com ela seja bastante utilizada.

A concentração de informação em um número reduzido de palavras não significa perda de informação semântica, uma vez que esta é preservada pela estrutura sintática, ou seja, em inglês, todos os elementos pré-nominais, independentemente da composição morfossintática, são interpretados como modificadores do último nome do composto. Conforme já mencionado, há também a preservação de uma ordem sintática (o determinante vem antes do determinado na língua inglesa).

É importante frisar que concisão não é sinônimo de perda de informação, mas sim de múltipla ambiguidade. Um composto como *chocolate bar* pode ser tanto interpretado como *bar having chocolate* ‘barra que contém chocolate’ quanto *bar made of chocolate* ‘barra feita de chocolate’. Nos dois casos, a referência é o mesmo objeto, uma barra de chocolate.

Uma outra característica dos compostos nominais que corrobora a produtividade da estrutura é a sua função nomeadora na comunicação humana. Segundo Zimmer (1971) *apud* Levi (1978:61), os compostos nominais teriam a

função de nomear as categorias relevantes à experiência do falante. Isso explicaria o fato de um composto ser familiar para um falante e totalmente desconhecido para outro. Em um contexto em que pessoas estão interessadas em identificar formas em nuvens, é perfeitamente possível dizer: “the cloud looks like a kangaroo!” (“as nuvens têm um formato que lembra um canguru”) ou “kangaroo cloud”; no entanto, fora desse contexto essa expressão provavelmente causará perplexidade. De acordo com as palavras de Zimmer (1971) *apud* Levi (*ibidem*), “[a]nything at all can be described, but only relevant categories are given names.”<sup>9</sup>

Levi aponta dois fatores que tornam os compostos tão eficientes como um instrumento de nomeação: a transparência semântica com a qual os compostos nominais surgem e a enorme produtividade da categoria. Por outro lado, os compostos perdem sua transparência inicial à medida que adquirem um significado especializado. Essas formas entram no léxico e provavelmente serão aprendidas como unidades idiossincráticas pelas próximas gerações. Ademais, originalmente um composto pode ter um sentido e com o decorrer do tempo adquirir outro significado. Em algum momento ao longo da história, por exemplo, compostos como *honeymoon* ‘lua-de-mel’ eram semanticamente transparentes, ou seja, eram composicionais. Hoje o seu sentido<sup>10</sup> original perdeu-se por completo e tentativas de se explicar a relação semântica original desse composto parecem um tanto estranhas, pois estas não são recuperáveis pela associação entre o pré-modificador e o núcleo. Segundo o dicionário Merriam-Webster Online, a motivação para a formação desse composto é a ideia de que o primeiro mês do casamento é o mais doce.

Os compostos lexicalizados podem apresentar diferentes graus de lexicalização. Os parcialmente opacos podem ter tido uma expansão do significado, como ‘pano de prato’, que não serve para secar apenas pratos, mas sim as louças em geral, e outros podem ter se tornado totalmente opacos, como *soap opera* ‘novela’. Segundo Warren (2001:5), a lexicalização é um processo

<sup>9</sup> “qualquer coisa pode ser descrita, mas apenas categorias relevantes são nomeadas”.

<sup>10</sup> Neste trabalho uso significado e sentido como sinônimos, embora esteja consciente de que há autores que distinguem os dois termos. Segundo Coseriu (1982), “[o] significado é o conteúdo dado em cada caso pela língua, e, precisamente, exclusivamente pela língua, por esta ou aquela língua determinada”. Já “[o] sentido é o conteúdo particular de um texto ou de uma unidade textual, na medida em que este conteúdo não coincide simplesmente com o significado e com a designação”.

gradual. Isso não significa dizer que a não composicionalidade é necessariamente gradual ou causada pela institucionalização.<sup>11</sup> Há compostos lexicalizados que são parcial ('pano de prato', por exemplo) ou totalmente transparentes, como "escova de dentes".

De acordo com Downing (1977) *apud* Teixeira (2009:24), "quanto mais lexicalizada for uma expressão, mais facilmente ela poderá ser interpretada isoladamente, fora de seu contexto de uso". O significado especializado que o composto adquire não deixa margens para uma interpretação ambígua. Compostos desse tipo são simplesmente aprendidos.

É importante frisar que a motivação e a produção dos compostos são idiossincráticas, uma vez que os compostos são estruturas produtivas e sempre podem ser criados, recriados e expandidos; no entanto, não se pode dizer o mesmo da formação dos compostos. Esta é passível de alguma regularidade, ou seja, há regras semânticas e sintáticas que possivelmente deem conta do processo de formação da maioria dos compostos. A questão é saber quais são essas regras e quais são mais produtivas e eficazes.

Levi (1978) reconhece que não se pode negar que haja alguma idiossincrasia nos compostos, tais como fatores de lexicalização, variação individual na extensão e organização do conhecimento do falante acerca da estrutura, aspectos históricos etc. No entanto, ela acredita que haja dois argumentos fundamentais para não considerar a estrutura apenas como uma idiossincrasia: se todos os compostos fossem lexicalizados, teríamos de aprender

---

<sup>11</sup> Ainda de acordo com a autora, (2001:5), "[i]t has sometimes been suggested that non-compositionality in morphological composites is a diachronic phenomenon. Anderson (1992:194), for instance, proposes that degree of idiosyncrasy can be related to the age of the composite, i.e. the older the word, the more idiosyncratic its semantics is likely to be. There are examples that support this. For instance, we may guess that *cupboard* was once more or less compositional and has been subjected to gradual semantic changes. In the majority of cases, however, the suggestion is difficult to accept. It would amount to assuming that, say, *lighthouse*, first meant "any such that it is a house and has a light in it" and then gradually assumed semantic features giving it its present meaning. Intuitively, the non-compositional meaning of *lighthouse* was synchronic. It was created the moment someone chose to refer to the building in question in this way and was understood as intended. It then happened to become institutionalised. Institutionalisation is admittedly a gradual process, but there is no reason to assume that therefore non-compositionality is gradual or, indeed, that non-compositionality is necessarily caused by institutionalisation. In most non-compositional morphological composites (and there are many), it would be counter-intuitive to assume that their idiosyncrasy is a time dependent, gradual phenomenon. However, even if intuition leads us astray here, we would still have to explain why the principle of compositionality is initially valid but impaired as time goes by".

o significado de cada forma individualmente, e isso é contraproducente, uma vez que não daria conta de explicar o processo de formação da estrutura e a capacidade do falante de criar novos compostos. Além disso, a negação da existência de regularidades na formação de compostos não explica o fato de os falantes criarem ou expandirem essas estruturas sem haver a necessidade de explicá-las.

Fica claro, portanto, que uma descrição gramatical completa não pode ignorar o fator idiossincrático; entretanto, atribuir só à idiossincrasia a complexidade dos compostos é negar as regularidades sintáticas e semânticas que fazem parte da estrutura. A questão crucial é identificar e delimitar essas regras. Segundo Teixeira (2009:21), este é o principal problema da área que se ocupa dos compostos nominais e, ao mesmo tempo, o maior motivador para os pesquisadores, o que explica o grande interesse pelo tema. A diversidade de teorias e abordagens relacionadas ao tema mostra a falta de consenso entre os teóricos e ratifica que os compostos nominais ainda são um tema recalcitrante na linguística.

Deve-se ressaltar também que uma teoria não pode compreender apenas os compostos “conhecidos”, uma vez que a criatividade do falante e fatores extralinguísticos, tais como educação, classe social, raça, ocupação, cultura, região onde se vive e até *hobbies*, limitam o repertório de compostos e impossibilitam a determinação de construções possíveis e impossíveis. Um composto inaceitável para um falante é plenamente possível para outro.

Dada a natureza recursiva dos compostos nominais — isto é, as regras de formação dos compostos podem ser repetidas inúmeras vezes, gerando estruturas cada vez maiores —, não há um limite máximo para o número de pré-modificadores a ser encontrado em um composto em língua inglesa; no entanto, por motivos possivelmente associados à assimilação e compreensão da estrutura, o composto normalmente comporta até três ou quatro pré-modificadores. Os compostos podem ser formados apenas por N + N (como em *apple cake* ‘bolo de maçã’) até, teoricamente, um número infinito de modificadores. Segundo Quirk *et alii*, “[a]lthough there is, theoretically, no grammatical upper limit to the number of premodifiers, it is unusual to find more than three or four”<sup>12</sup> (1985:1338).

---

<sup>12</sup> “embora teoricamente não haja um limite gramatical para o número de pré-modificadores, é raro encontrar mais de três ou quatro”.

É importante frisar que o vocabulário usado em algumas áreas, especialmente no caso de textos escritos, pode apresentar compostos com um número maior de pré-modificadores. É possível, por exemplo, encontrar compostos bastante complexos em textos técnicos (escritos para um público especializado muito restrito), embora na língua oral eles sejam muito mais raros, fato comprovado por Quirk *et alii*, “[t]here is indeed evidence of a higher proportion of three-or-more item sequences in written than spoken English”<sup>13</sup> (*ibidem*).

Levi (1978:67) dá um exemplo de uma estrutura enorme, que, embora sintática e semanticamente possível, dificilmente ocorreria na prática (Ex.: *electrical engineering night school instructional materials editorial board salary increase conference agenda* ‘programação para a conferência do aumento salarial para o corpo editorial responsável pelos materiais didáticos da escola noturna de engenharia elétrica’).

---

<sup>13</sup> “realmente há provas de que existe uma proporção maior de sequências com três ou mais itens no inglês escrito do que no falado”.